

DA ARTE DE MATAR OS MORTOS? CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ENTERRAMENTOS DA IDADE DO FERRO BRETÃ PERFURADOS POR LANÇAS*

Pedro Vieira da Silva Peixoto**

Resumo: O artigo examina o ritual de se atirarem lanças em tumbas encontradas na Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas, particularmente os casos descobertos em East Yorkshire. São avaliados não só os enterramentos e seus conteúdos, mas também algumas interpretações historiográficas formuladas para tal rito. Levando em consideração desde achados antiquários até descobertas recentes, a discussão sublinha aspectos de “performance” e teatralidade utilizados na produção de memória, identidades sociais e, finalmente, de valores associados a algumas identidades masculinas na Idade do Ferro bretã.

Palavras-Chave: Ritos funerários; Idade do Ferro; Ilhas Britânicas; Yorkshire; “speared corpses”.

ON THE ART OF KILLING THE DEAD? CONSIDERATIONS ABOUT THE SPEARED CORPSES OF IRON AGE BRITAIN

Abstract: This paper is a close examination of the speared-corpse ritual found in Iron Age Britain, particularly the cases discovered in East Yorkshire. It not only gives an assessment of the burials and finds associated with this particular funerary rite, but also offers the reader a critical evaluation of the main historiographic interpretations of the spearing ritual in funerary contexts. Taking into consideration both antiquarian and recent discoveries, the discussion aims to highlight aspects of theatricality and performance used in the making of memory, social identities, and ultimately, gendered values associated with Iron Age masculine identities.

* Recebido em: 22/02/2019 e aprovado em 24/07/2019.

** Professor doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, com “período sanduíche” de um ano na Universidade de Manchester (Reino Unido). Atualmente, com o apoio da Capes, realiza um Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O presente artigo apresenta reflexões adaptadas e inicialmente formuladas durante a tese de Doutorado. Contato: peixotopvs@gmail.com.

Keywords: Funerary rites; Iron Age; Britain; Yorkshire; speared corpses.

1. Prólogo: espetando-se os mortos

Aos poucos, o homem deitado no interior de sua cova com uma espada e um escudo desaparece. Terra é colocada sobre seu corpo. O calcário vermelho do solo, há pouco escavado, vai gradualmente adquirindo uma coloração embranquecida com o passar do tempo. Alguns minutos depois, uma primeira camada de terra já cobre por completo a cova. Alguns indivíduos se aproximam com lanças em mãos. Todos os olhares, agora, estão direcionados a eles: o ar, carregado de expectativa. Minutos depois, uma lança é enfiada com vigor contra a cova. Ela penetra a terra, na direção do homem enterrado, e um forte som metálico – ainda que abafado pela terra – pode ser ouvido. A ponta da lança acaba de atingir o meio do escudo, criando um forte impacto. Enquanto a cova é preenchida, mais uma lança é atirada contra a sepultura. E mais outra. E mais outra. Dias, meses e anos se passam, no entanto, um testamento daquele dia continua visível na paisagem. Longos cabos de madeira se projetam para o mundo do interior de uma tumba, servindo como um lembrete do homem ali enterrado e daqueles que participaram de seu funeral.

2. Introdução

Em 2016, notícias de uma tumba em Pocklington, no norte da Inglaterra, cuja aparência era semelhante à de um porco-espinho, repercutiram com grande popularidade na mídia inglesa (BEALL, JOSEPH, 2016; FINNIGAN, 2016; HALKON, 2016; HARVEY, 2016; PARVEEN, 2016). A comparação entre a sepultura e a figura de um ouriço faz alusão a uma modalidade rara de enterramento emblemática da região de Yorkshire, conhecida historiograficamente como *speared-corpses*: um rito no qual, em linhas gerais, após um morto ter sido depositado no interior da cova e ela ter começado a ser preenchida com terra, uma ou várias lanças são enfiadas contra a sepultura. Embora a madeira das lanças tenha se perdido com o tempo e os montículos estejam, hoje, nivelados, o efeito visual de tais enterramentos deveria ter sido impactante, revelando, a olho nu, uma tumba, delimitada por uma trincheira quadrangular, com montículo elevado acima do nível do solo e lanças saindo de seu interior, tal qual o corpo de um ouriço (motivo pelo qual a analogia com o animal se tornou tão popular).

O relatório completo da escavação do sítio de Pocklington (que abriga um cemitério da Idade do Ferro e tumbas anglo-saxãs), no entanto, ainda aguarda publicação. Com bases nos dados preliminares, gentilmente divulgados ao autor por Paula Ware (MAP Archaeological Practice), responsável pela escavação, é possível fazer uma breve ideia da tumba em questão (Pocklington, 16030). A sepultura abrigava um indivíduo do sexo masculino de 17-25 anos. Sabemos até o momento que o homem foi enterrado com uma espada em uma posição fletida sobre o lado esquerdo do corpo, uma postura característica à região (STEAD, 1965, 1979; GILES, 2012; PEIXOTO, 2018). Além disso, sabemos que ao menos duas das seis lanças encontradas junto ao seu esqueleto foram enfiadas de modo a perfurar a cova. Essa é uma das mais recentes descobertas de um enterramento “espetado”.

Apesar da recém-adquirida notoriedade, a tumba de Pocklington não é a primeira nem sequer a única tumba do tipo escavada em Yorkshire. Ao contrário, evidências a respeito de tal tratamento mortuário já se encontram em algumas das primeiras escavações realizadas ainda durante o século XIX na região, como atesta um caso documentado por Mortimer (1905), um antiquário local e um dos mais importantes pioneiros da arqueologia inglesa (cf. HARRISON, 2011).. Embora os dados provenientes de escavações realizadas nos séculos XIX e nas primeiras décadas do século XX sejam lacunares, sendo ignorados por alguns pesquisadores, eles podem nos informar muito sobre a Idade do Ferro, sobretudo graças à riqueza única do material encontrado na região; sua comparação com escavações recentes nos permite identificar comparáveis valiosas e padrões de atividade funerária, em alguns casos (PEIXOTO, 2018). Isso porque Yorkshire abriga os maiores cemitérios de inumações já registrados para a Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas (STEAD, 1979; WHIMSTER, 1981; CUNLIFFE, 2005; FITZPATRICK, 2007). A região conta com um total de mais de mil tumbas escavadas (um número em constante crescimento, como atesta o caso de Pocklington, onde centenas de tumbas já foram descobertas até o momento), a maior parte delas datadas entre os séculos V-I a.C.

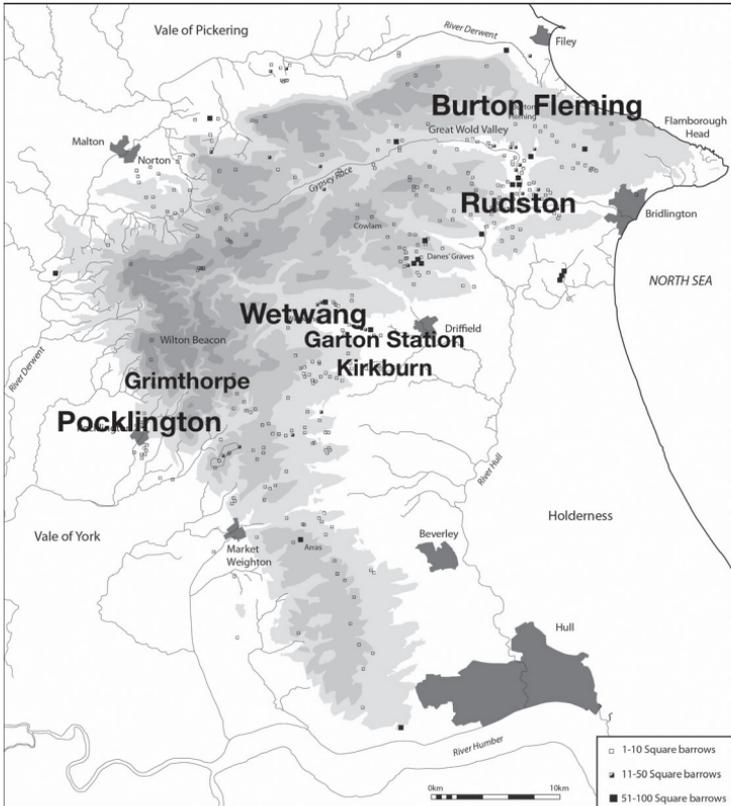
Mas qual a finalidade de se arremessarem lanças contra os mortos ao enterrá-los? Estariam essas comunidades tentando matar aqueles que já estavam mortos? Quem eram as pessoas inumadas de tal modo e onde elas estavam enterradas? Além disso, quais seriam as possíveis associações identitárias entre as pessoas e os objetos encontrados nessas tumbas, se é que haveria uma possibilidade de correlação nesse sentido?

3. As tumbas espetadas da Idade do Ferro: armas, identidade e performance marcial

Tumbas com lanças enfiadas em seu interior podem ser identificadas em pelo menos seis cemitérios da Idade do Ferro, a saber: Grimthorpe, Rudston, Garton Station, Kirkburn, Wetwang Slack e Pocklington. Conhecemos pelos menos 16 casos bem documentados em que essa prática pode ser observada (ver item 5: Anexo). Os números, no entanto, talvez sejam maiores, não só devido à inclusão no futuro breve de novos casos recentemente descobertos, mas também quando alguns dos materiais obtidos em escavações antigas forem devidamente recontextualizados.² Conforme todos os cemitérios assinalados indicam, o rito de se espetarem os mortos parece estar majoritariamente concentrado na região de Yorkshire, embora Inall (2016) tenha identificado dois casos equiparáveis no sul bretão em Kent (JOHNSON, 2002) e Hampshire (COLLIS, 1968; 1973). Por questões de recorte, iremos nos ater apenas aos casos do norte bretão.

A primeira tumba descoberta em que lanças foram arremessadas contra o cadáver se tornou conhecida graças às escavações realizadas entre 1868-1871 em Grimthorpe. Lá, um esqueleto de um “jovem homem” (GR1) foi encontrado com uma espada, um escudo e uma ponta de lança de ferro (MORTIMER, 1905, p. 150–151). A espada fora depositada em posição idêntica àquela descoberta em 2015 em Pocklington, com a empunhadura próxima ao crânio do esqueleto. Embora o enterramento revelasse sinais claros de ter sido espetado como parte do ritual de arremesso de lanças contra a cova, durante muito tempo esse aspecto foi ignorado. Isso porque a sepultura em questão revelou um conjunto de 16 ossos animais cuidadosamente trabalhados de modo a ficarem com um formato pontiagudo penetrante. Essas pontas foram encontradas em diferentes localidades, tanto acima como abaixo do esqueleto e, ainda, no preenchimento da cova, tendo sido, na época, corretamente identificadas por Mortimer (1905, p. 151) como partes de lanças feitas a partir de ossos. No entanto, devido à ausência de achados semelhantes até a década de 1970-80, boa parte dos arqueólogos, como Stead (1969, p. 170; 1979, p. 86), equivocadamente, categorizou as pontas como “prendedores” utilizados para fixar um manto sobre o cadáver, embora escavações futuras tenham oferecido evidências suficientes de outras lanças constituídas da mesma forma, fazendo com que as interpretações prévias fossem reconsideradas (STEAD, 1991, p. 78).

Fig.1.



Mapa da região discutida com os principais cemitérios assinalados. Fonte: Giles (2012), adaptado de Stoertz (1997), reproduzido com a permissão da Giles e com inserções feitas pelo autor.

Lanças feitas a partir de ossadas animais e galhadas são comuns à Idade do Ferro e seu uso, em grande parte, parece estar associado a funções de arremesso. Alguns autores, como Harding (2016, p. 177), acreditam que tais armas fizessem parte de um equipamento “mais mundano” e que fossem utilizadas pela “maioria das tropas combatentes da Idade do Ferro” na Europa e nas Ilhas Britânicas. O argumento tem seu valor. Contudo, a presença de lanças feitas de ossos e galhadas animais em seletos contextos funerários e em contextos de deposições votivas, como as encontradas em

Hjortspring (Als, Dinamarca), onde 31 dessas lanças foram achadas com 138 outras feitas com pontas de ferro, indica que devemos ser cautelosos em traçar tais associações, já que a presença de artefatos desse tipo poderia se dar em contextos altamente ritualizados (NIELSEN, 2016, p. 140-141).³ Esse é um aspecto reforçado, inclusive, com base no próprio material utilizado em alguns casos. Por exemplo, as lanças de ossos encontradas em Yorkshire foram feitas a partir de metatarsos de ovelhas (STEAD, 1991, p. 78), um animal importante não só para a subsistência das comunidades locais, mas que também costuma ser encontrado nas tumbas da região, relacionado a ritos de comensalidade (PARKER PEARSON, 1999; GILES, 2012), indicando-nos, pois, uma associação curiosa entre esferas da vida e da morte, e entre um universo agropastoril e marcial.

Além de Grimthorpe, outros enterramentos como aqueles encontrados em Garton Station (GST5) e Rudston (R146, R174) também revelaram lanças com pontas de ossos enfiadas em covas. É importante assinalar que o ritual de se “espetarem” covas não seguia uma regra fixa no tocante ao material utilizado. Ele podia incluir lanças feitas com pontas ósseas ou de ferro e, em alguns casos, como R174 revela, até mesmo ambos os tipos em uma mesma cova. A quantidade de lanças também varia de um caso a outro: em alguns enterramentos, apenas uma única lança foi atirada durante o preenchimento da cova (R50); em outros, como em Grimthorpe, 17 lanças (uma de ferro e 16 de ossos) foram espetadas na cova. Por serem comparativamente recentes, as escavações realizadas nos cemitérios do vale do Great Wolds e em Garton Station-Kirkburn permitiram, ainda, observar com maior precisão, a partir de níveis estratigráficos cuidadosamente registrados, que tais performances poderiam ocorrer em diferentes estágios durante o preenchimento das covas (STEAD, 1991, p. 33). Esse fenômeno é particularmente visível em tumbas como as de Kirkburn (K3) e Garton Station (GST7), onde muitas das lanças encontradas estão no preenchimento com terra acima dos esqueletos e com as pontas voltadas para baixo.

A posição em que tais itens são encontrados mostra uma diversidade performática adaptável. Em alguns casos, as lanças foram enfiadas diretamente à altura dos membros superiores ou partes laterais do morto, como é o caso da tumba de R154, em que um homem enterrado com ferramentas metalúrgicas teve uma das lanças enfiadas entre seu braço direito e um tenaz depositado junto a seu corpo e uma segunda lança foi encontrada na cova mais ao sul. Em outros casos, elas foram diretamente atiradas contra

o corpo da pessoa morta, como GST7, com 4 lanças enfiadas na altura de sua barriga/cintura, uma na altura do peito, além de três outras na cova e outras três mais encontradas no preenchimento da cova, 20cm acima do abdômen do morto. Uma realidade semelhante também foi encontrada em GST10, com seis lanças enfiadas diretamente à altura do corpo de um homem enterrado com uma espada, e outras oito lanças mais foram atiradas espalhadas em sua cova (cf. STEAD, 1991, para o relatório dos achados). Mas, e quanto às pessoas enterradas?

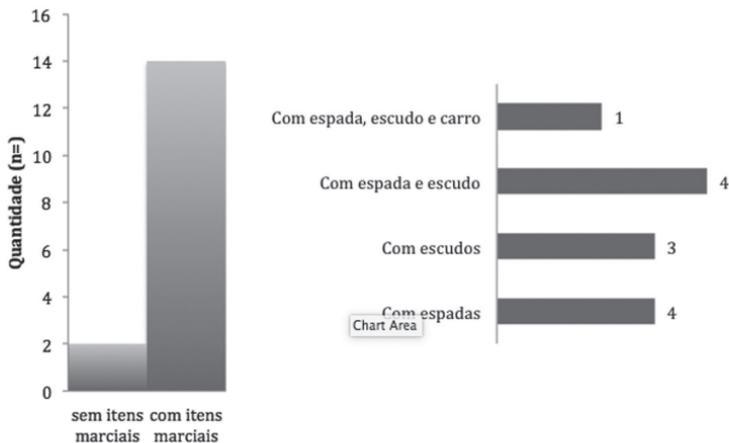
Até o presente, o *corpus* de enterramentos encontrados na região atesta que esse rito estava, de maneira (aparentemente) exclusiva, associado ao sexo masculino. Esse é um dado relevante, já que muitas das inumações da Idade do Ferro Média (séc. IV-II a.C.) revelam um grau considerável de flexibilidade e compartilhamento de atributos entre homens e mulheres, tendo indivíduos do sexo feminino sido enterrados em alguns raros casos, inclusive, com ossadas animais e cerâmicas, carros, potencialmente armas, e sofrido traumas compatíveis com golpes causados por objetos cortantes e penetrantes (como espadas e lanças).⁴ A ausência de mulheres como alvos para o ritual em questão é, pois, significativa e parece assinalar que esse tratamento era condicionado (ainda que não unicamente) por atributos identitários de gênero, excludentes e/ou seletivos.

Além disso, todos os indivíduos que foram “espetados” em morte eram adultos: a análise etária revela que há uma concentração nas tumbas de indivíduos que morreram entre 17-25 e 25-35 anos, respectivamente. Curiosamente, nenhum homem de idade avançada para o padrão da época, com 35-45+ anos, recebeu esse tratamento fúnebre. O mesmo também é válido para os grupos subadultos, ainda que de 7 anos de idade em diante, esses indivíduos começassem a ser tratados de modo distinto e mais próximo aos adultos, pelo menos em contextos funerários nessa região, desde ao longo de toda Idade do Ferro até o séc. II a.C. (PEIXOTO, 2018b). Acredito, portanto, que tal rito fosse fortemente condicionado por certos aspectos identitários específicos associados ao gênero masculino, ou, ainda, a um modelo particular de identidade masculina idealizada.

O ritual de enfiar lanças em tumbas aparece fortemente associado a atributos militares, como indicam os gráficos a seguir. Os dados expostos são particularmente interessantes já que nos indicam uma dupla conexão com uma identidade marcial. Isto é, não só o ato de se arremessarem lanças

contra um alvo pode ser considerado, por excelência, como uma prática vinculada a um universo de enfrentamentos armados, mas, ainda, a sua ocorrência, sistematicamente, em tumbas nas quais encontramos espadas e escudos, nos revela a realização de performances extremamente dramáticas associadas a determinados atributos masculinos idealizados. Sua presença em enterramentos de tipo –A, –B e –C denota ainda que, embora se trate de uma prática bastante rara, não estava restrita a apenas determinada modalidade de enterramento e poderia ocorrer em diferentes momentos entre os séculos V-I a.C., como atesta também a tipologia de alguns artefatos encontrados.⁵

Gráficos 1 e 2



A frequência de enterramentos espetados por lanças, com base na natureza do mobiliário fúnebre encontrado em seu interior e a quantidade de tumbas com itens marciais que foram foco para tais ritos.

Mas por que enfiar lanças em pessoas que já estavam mortas?

Historiograficamente, o ato tem sido interpretado como uma medida ritual preventiva: uma forma simbólica de se matar o espírito de mortos que possam, por qualquer motivo, ameaçar os vivos ou retornar para causar males (GREEN, 2001, p. 35; HARDING, 2016, p. 206 e 2017, p. 39). O ritual seria, assim, para alguns, uma forma de garantir não só que determinado indivíduo perigoso estivesse morto, como de possibilitar também que sua alma fosse destruída, como escreve Harding:

Etnograficamente, às vezes acredita-se que os mortos sejam capazes de conjurar espíritos malignos que podem ameaçar a comunidade dos vivos, de modo que tal ritual talvez tenha sido feito com o intuito de ser uma forma de 'se matar um fantasma' (ghost killing).
(HARDING, 2017, p. 39)

Apesar de frequentemente ecoada – inclusive em publicações recentes, como exemplifica a referida citação extraída de Harding (2017) –, tal interpretação é bastante problemática. Embora proposta como explicação para esse curioso ritual encontrado em Yorkshire, ela em nada se adequa à realidade material da região. Há uma série de contrassensos nesse sentido.

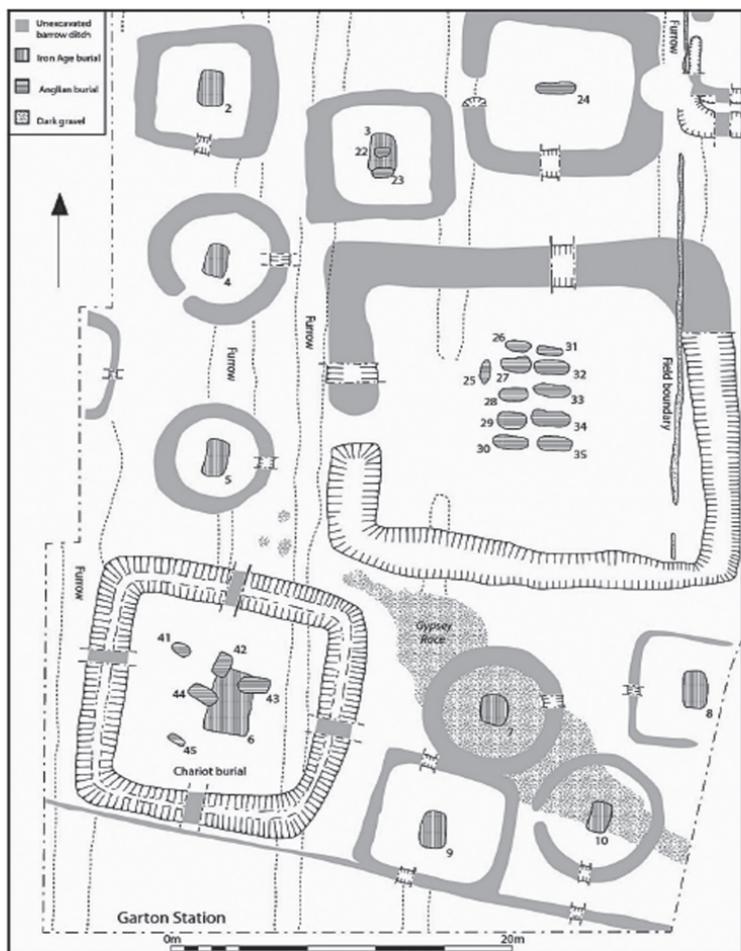
Em primeiro lugar, de um ponto de vista do mobiliário fúnebre, observamos anteriormente o contrário do postulado. Isto é, ao invés de mostrar tentativas simbólicas de assassinatos de indivíduos temidos/malvistos, as tumbas perfuradas por lanças revelam indivíduos celebrados em suas mortes de diferentes maneiras: às vezes com itens associados a uma função valorizada, como a metalurgia; outras vezes, com deposições simbólicas de partes de animais valiosos, associados à consumação conspícua (como porcos); e, em muitas ocasiões, com preciosos itens de armamento como espadas (algumas delas, como a de K3, inclusive altamente embelezadas) e escudos cuidadosamente depositados em suas tumbas. Em Wetwang Slack, além de ter sido provido com o quarto dianteiro de um porco, escudo e espada, o indivíduo em questão foi enterrado em uma tumba monumental junto a um veículo de duas rodas sistematicamente desmontado e cujas partes foram separadas e cuidadosamente colocadas na cova, atestando um esforço comunal de se atribuir um destaque significativo à pessoa enterrada.⁶ Nenhum desses tratamentos parece estar relacionado, portanto, à tentativa de se obliterar o espírito de um morto tido como malvisto ou ameaçador. Muito pelo contrário, testemunhamos esforços distintos de celebração, seja através da realização de banquetes fúnebres à memória do falecido, da construção de tumbas de destaque, ou da deposição de artefatos preciosos e (estatisticamente) de baixa incidência em contextos funerários, como espadas e carros, ou associados a práticas importantes (como a metalurgia).

Além disso, demais evidências encontradas nas Ilhas Britânicas reforçam haver um disparate do modelo interpretativo tradicional com a realidade arqueológica encontrada em outros casos. Inall (2016) identificou duas outras tumbas da Idade do Ferro fora de Yorkshire, que também foram alvo

de ritos semelhantes em que lanças foram enfiadas em tumbas delimitadas por trincheiras quadrangulares, em Owslebury (Hampshire) e Brisley Farm (Kent). Nas duas ocasiões, novamente, ao invés de serem tratadas com repulsa e ressalvas, ambas as tumbas parecem ter se tornado um ponto focal para atividades rituais e atos de veneração por parte das comunidades locais e, inclusive, das gerações futuras (INALL, 2016, p. 50).

Por fim, de um ponto de vista espacial, é possível observar que muitos dos enterramentos espetados por lanças em Yorkshire ocupavam locais privilegiados no interior dos cemitérios em que são encontrados. Em Kirkburn e Garton Station, essa realidade é particularmente nítida. Lá, enterramentos perfurados por lanças formavam pequenos agrupamentos e/ou foram encontrados em direta relação de proximidade com tumbas de caráter monumental, como os enterramentos com carros encontrados em ambos os sítios. Além disso, em Garton Station as tumbas de GST4, GST5 e, em especial, de GST7 e GST10 foram todas encontradas agrupadas e alinhadas ao longo do Gypsy Race, um córrego de tipo intermitente. Consequentemente, a área em que se encontravam era mais úmida e de vegetação mais rica (GILES, 2012, p. 55; THEW, WAGNER, 1991, p. 150-151), e é provável que tal localização e sua proximidade com o curso aquático tivessem fortes implicações cosmológicas e conferissem um caráter de importância às tumbas (BEVAN, 1997; GILES, 2012, p. 214-220; WILLIAMS, 2003, p. 234 e 242). Ao mesmo tempo, se vistas em conjunto, essas tumbas nos revelam uma manipulação da paisagem e da cultura material, indicando a construção de um simbolismo marcial compartilhado entre diferentes indivíduos. Ao invés de terem sido expurgados ou excluídos, os sujeitos assim enterrados parecem ter sido, portanto, intencionalmente rememorados após sua morte, recebendo funerais performáticos que os distinguiam. Como Giles (2012, p. 243) aponta, quer eles tenham sido guerreiros de fato em vida ou não, a imagem projetada por aqueles que realizaram seus funerais é a de uma narrativa poderosa, associada a atributos marciais intimidadores e memoráveis.

Fig.2



Planta do sítio de Garton Station mostrando as tumbas cortadas pelo Gypsy Race. Fonte: Giles, (2012), adaptada do original por Stead (1991), reproduzido com a permissão da autora. Note, particularmente, a localização das tumbas GST7 e GST10 em relação ao córrego, e, ainda, como esses enterramentos e os de GST4 e GST5 encontram-se a uma distância de apenas alguns metros da tumba com carros, no canto esquerdo inferior da imagem.

A discussão feita por Kristoffersen e Oestigaard (2008) sobre as variações nos tratamentos fúnebres em contextos antigos e medievais na Noruega nos oferece, aqui, um valioso ponto de partida para a realidade das tumbas da Idade do Ferro bretã perfuradas por lança. Embora os contextos discutidos sejam distintos, algumas reflexões teóricas se fazem análogas, em especial a partir da noção de “mitos da morte” – um conceito analítico proposto pelos autores em torno das variadas performances realizadas em contextos fúnebres, cujo objetivo é o de se articular a morte física às expectativas sociais, a partir de uma série de ritos prescritivos (KRISTOFFERSEN, OESTIGAARD, 2008, p. 136).

Os “mitos da morte” prescrevem como os que sobrevivem podem criar uma situação divina e cosmológica a partir do arranjo de rituais diferentes nos quais os mortos aparecem diante dos deuses como se tivessem morrido a morte ideal, embora isso não tenha ocorrido de fato. Os rituais criam uma situação ideal e “reparam” as consequências cosmológicas de se ter morrido da maneira ou no lugar errado. (KRISTOFFERSEN, OESTIGAARD, 2008, p. 128)

Como os autores acima chamam a atenção, tais performances são tão importantes para os mortos quanto para os que não morreram (p. 137). Elas revelam um conjunto de ações conscientemente tomadas pelos vivos a partir de intenções variadas, que envolvem tanto ambições espirituais (como a obtenção de favores divinos e bons presságios religiosos), quanto práticas, forjando uma arena para a projeção de ambições sociais. É possível que o ato de se enfiarem lanças em covas desempenhasse um papel semelhante nesse sentido. Isto é, ele poderia ter possibilitado não apenas que determinados mortos fossem lembrados em seu funeral de uma maneira poderosa, como, ao mesmo tempo, conferiria certa legitimidade social àqueles que o realizavam, pois apenas indivíduos, talvez, de grande importância (familiar, social e/ou religiosa) ou companheiros de armas poderiam participar ativamente do ritual, enfiando suas lanças violentamente contra as sepulturas.

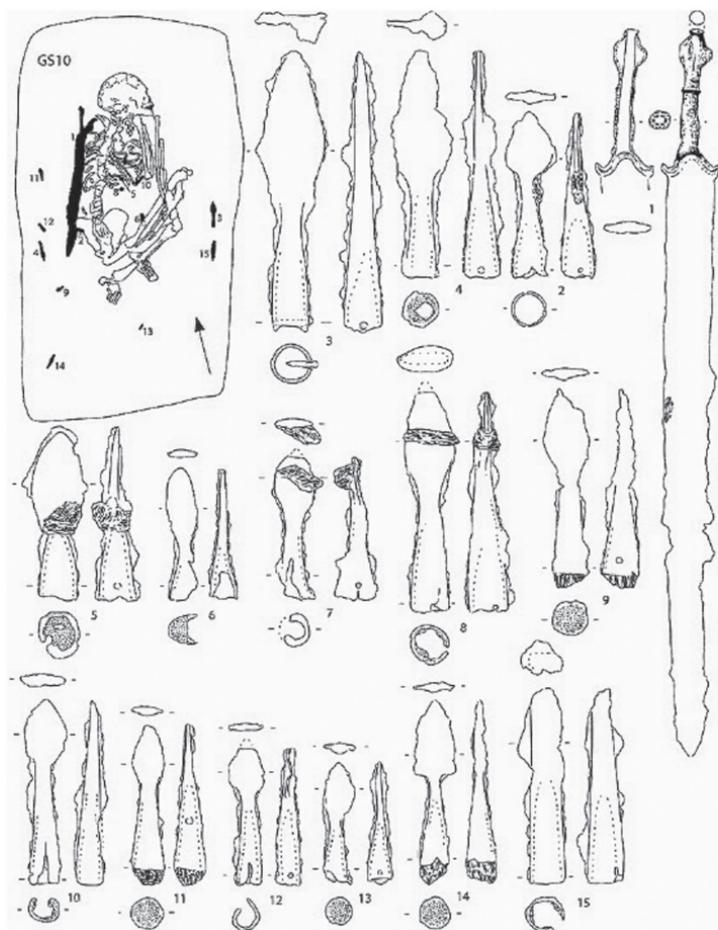
Talvez, como sugere a interpretação proposta por Kristoffersen e Oestigaard (2008), esses espetáculos tivessem função reparadora, garantindo que certos indivíduos gozassem de uma morte simbólica honrável, em ocasiões em que suas vidas chegaram ao fim por conta de motivos não tão memoráveis – como uma doença ou um acidente. Se esse

for o caso, dada sua ausência em tumbas de homens com idade mais avançada (35+ anos), é possível inferir que tais expectativas existiam apenas para alguns indivíduos do sexo masculino em idade jovem. No entanto, é possível que o ritual estivesse ligado também a uma despedida fúnebre especial, reservada apenas a alguns indivíduos com base em seus feitos em vida ou atributos físicos/sociais específicos: uma espécie de versão marcial bretã antiga para a salva de tiros moderna, tão comum, hoje, em celebrações vinculadas a funções de Estado ou funerais de militares (GILES, 2012, p. 242).

Seja como for, esses atos parecem ter sido realizados do modo mais dramático e memorável possível. A análise artefactual da composição das lanças com pontas de ferro encontradas nessas tumbas sugere que muitas delas eram “armas insubstanciais”, com lâminas de baixa resistência e propensas a serem dobradas ou quebradas (STEAD, 1991, p. 33, 75). Ora, em se tratando de sociedades com práticas siderúrgicas tão elaboradas, por que confeccionar armas de tão baixa qualidade?⁷ Seria esse um mero descuido ou despreparo? Já que não se trata de um caso ou achado isolado, tal opção parece pouco provável. Ao contrário, entendo que essa seja uma forte pista de que muitas dessas lanças tenham sido feitas intencionalmente de maneira frágil, visando à realização de tais performances fúnebres. Não é de se espantar, portanto, que muitas das lanças tivessem determinado ponto quebrado e distorcido após terem perfurado as sepulturas (R154, BF16, GST10). Esse efeito é ainda mais marcante nos enterramentos com escudos, pois o choque das pontas contra os escudos enterrados gerou, em alguns casos, um impacto tão forte, a ponto de fazer com que muitas das lâminas tenham se dobrado na metade (R174, GST4, GST7).

Há, portanto, um elemento de teatralidade intencionalmente orquestrado entre habilidades físicas e confecções metalúrgicas. Espadas próximas aos mortos, lanças que se chocam contra escudos ou que perfuram a cova atingindo os próprios mortos, todos esses elementos, quando combinados, geram um efeito que simula ou faz referência a um enfrentamento com armas. A emergência de identidades guerreiras como um fenômeno social pan-europeu de longa duração foi alvo de análises sistematizadas desde o seminal trabalho de Treherne (1995) a tal respeito, e continua ainda a ser investigada (cf. FRIEMAN et al., 2017). Estudos recentes têm destacado que tanto a habilidade quanto a realização de feitos violentos (ainda que

Fig.3



Enterramento de GST10. Fonte: Giles (2012), adaptado do original por Stead (1991), reproduzido com permissão da autora. Note, em particular, a distribuição das lanças e o estado de algumas delas, como as de número 5, 7 e 8, imediatamente encontradas à altura da caixa torácica e altamente danificadas graças ao impacto que tiveram, estima-se, contra um possível escudo. A presença do escudo pôde ser inferida graças a traços mineralizados de madeira e couro encontrados em tal região e nas pontas em questão. Das seis lanças que se encontravam à altura do corpo do morto, duas ainda estavam em uma posição perfeitamente vertical, apontando para baixo, quando escavadas.

puramente de modo simbólico) são fatores que desempenhavam um papel fundamental na construção e constituição de noções de masculinidade na pré-história europeia, em especial durante a Idade do Ferro (GILES, 2012; JAMES, 2018; SKOGSTRAND, 2017). O ritual de se enfiarem lanças em tumbas parece dialogar perfeitamente com esse cenário, revelando não só fortes conexões com atributos sexuais, como também etários.

4. Algumas considerações finais

As tumbas perfuradas por lanças atestam a complexidade da ritualização da morte entre as comunidades bretãs antigas de Yorkshire. Elas nos revelam, em seu conjunto, performances marciais altamente estilizadas que podiam ser postas em cena durante determinados funerais, criando-se e projetando-se valores em relação aos mortos e, por extensão, àqueles que os enterravam de tal modo. A deposição altamente ritualizada de lanças perfurantes em contextos funerários transformava tais objetos em componentes poderosos dentro de um sofisticado sistema simbólico de valores de projeções e reivindicações sociais (THEUWS, 2009, p. 307). Tal procedimento ritual dialoga não apenas com o cenário maior de mudanças sociais que observamos em outros níveis (por exemplo, nos assentamentos e paisagem) na região ao longo da Idade do Ferro (GILES, 2007b, 2008), mas parece ter sido incorporado também às divisões dicotômicas entre homens e mulheres que passaram a ser cada vez mais projetadas nos cemitérios da região no final do séc. II e ao longo do séc. I a.C. (PEIXOTO, 2018, p. 312-335). O exame do material disponível nos revela que não havia uma estrutura rígida para a realização de tal rito: as pontas das lanças arremessadas poderiam ser de tipos distintos, inclusive com matérias-primas variadas na sua feitura, bem como a posição e a quantidade de lanças enfiadas na cova poderiam variar de caso a caso.

A análise dos enterramentos, no entanto, nos mostra alguns padrões entre os cemitérios analisados. Em primeiro lugar, com base na proporção dos achados até hoje, esse parece ter sido um rito seletivo, sem grande incidência numérica – essa é, inclusive, a realidade da maior parte de tumbas com armas: a ocorrência é muito inferior àquela que se tende a imaginar com base na historiografia do período. Em segundo lugar, tal tratamento funerário se dava mais frequentemente junto a inumações providas com algum item de armamento, reforçando uma nítida conexão com atributos marciais. Em

terceiro, é possível identificar uma correlação entre atributos sexuais, etários e esse rito, já que os alvos de tais performances, como mencionado, são indivíduos do sexo masculino em idade adulta (17-35), excluindo-se subadultos (0-15 anos) e indivíduos sêniores (+35 anos). Por último, não seria exagero dizer que há uma função dramática e mnemônica, em muitos casos, intencionalmente potencializada. Tal efeito poderia ser alcançado através de formas variadas: da própria *mise-en-scène* que simulava (e criava) ações guerreiras; da arquitetura funerária, com lanças que se projetavam para fora das sepulturas, dando-lhes destaque na paisagem funerária; da confecção dos artefatos utilizados, intencionalmente forjados de modo a ressaltar sua fragilidade, o que dava ainda maior dramaticidade ao baque gerado pelo choque da lança contra um escudo ou o próprio corpo do morto no interior da cova. Muito mais do que um mero reflexo do medo de espíritos malignos, como alguns acreditam, tais atos eram a própria materialização de determinadas identidades masculinas idealizadas, dentro de um complexo sistema de sinalização de valores sociais. Eles eram um poderoso recurso para se criar, em última instância, algo tão caro e necessário em momentos de luto e perda: memória.

5. Anexo

| Cemitério | Id. | Sexo | Idade | Mobiliário | Datação (aprox.) | Referência |
|---------------|-------------------------|------|------------------|--|------------------|----------------|
| Grimthorpe | GR1 | N/d. | “Adulta inicial” | 1 escudo; 1 espada; 1 ponta de lança de ferro; possíveis fragmentos de cerâmica no preenchimento da cova; 16 pontas de lança de osso | V-I a.C. | Mortimer, 1905 |
| Wetwang Slack | WS453/ carro. WS1 | M | 17-25 | 1 carro e diversos equipamentos de arreo; 1 escudo; 1 espada; 7 pontas de lança de ferro; 1 quarto dianteiro de porco | c. III a.C. | Dent, 1985 |
| Rudston | R50 | M? | 17-25 | 1 faca; 1 ponta de lança de ferro | III-I a.C. | Stead, 1991 |
| Rudston | R140 | M | 25-35 | 1 broche, 1 ponta de lança | V-I a.C. | Stead, 1991 |
| Rudston | R144 | M | 25-35 | 1 espada; 1 ponta de lança de ferro | III-I a.C. | Stead, 1991 |

| | | | | | | |
|----------------|--------|---|-------|--|------------|-----------------|
| Rudston | R146 | M | 25-35 | 1 espada; 1 ponta de lança de ferro; 1 ponta de lança de osso; fragmentos de cerâmica; 1 quarto dianteiro de porco | III-I a.C. | Stead, 1991 |
| Rudston | R154 | M | 17-20 | 1 escudo; 1 espada; 2 pontas de lança de ferro; 1 martelo; 1 tenaz; 1 acoplador | III-I a.C. | Stead, 1991 |
| Rudston | R170 | M | 25-35 | 1 ponta de lança de ferro | V-I a.C. | Stead, 1991 |
| Rudston | R174 | M | 17-25 | 1 escudo; 1 espada; 7 pontas de lança de ferro; 2 pontas de lança de osso; 2 botões de osso trabalhado | III-I a.C. | Stead, 1991 |
| Kirkburn | K3 | M | 17-25 | 1 espada; 1 ponta de lança de ferro; 1 quarto dianteiro de porco | V-I a.C. | Stead, 1991 |
| Garton Station | GST4 | M | 17-25 | 1 escudo; 3 pontas de lanças de ferro | V-I a.C. | Stead, 1991 |
| Garton Station | GST5 | M | 17-25 | 1 escudo?; 4 pontas de lanças de ferro; 3 pontas de lança de osso | V-I a.C. | Stead, 1991 |
| Garton Station | GST7 | M | 25-35 | 1 escudo?; 1 anel de bronze no dedo do pé; 10 pontas de lanças de ferro | V-I a.C. | Stead, 1991 |
| Garton Station | GST10 | M | 25-35 | 1 espada; 1 escudo?; 13 pontas de lanças de ferro | V-II a.C. | Stead, 1991 |
| Pocklington | P16030 | M | 17-25 | 1, espada; 1 ponta de lança de osso; 5 pontas de ferro | IV-II a.C. | N ã o publicada |

Sumário das tumbas espetadas por lanças da Idade do Ferro em East Yorkshire. Foram excluídos casos como os de R94 e R152, nos quais a possibilidade de as lanças estarem diretamente vinculadas a uma morte traumática ou a um ferimento *perimortem* não pode ser eliminada após a perícia técnica (cf. STEAD, 1991, p. 137). A tabela apresenta dados resumidos; para maiores detalhes, consultar o catálogo completo de todos os achados em Peixoto (2018a).

Documentação material

DENT, J. S. Three cart burials from Wetwang, Yorkshire. *Antiquity Antiquity*, v. 59, n. 226, p. 85–92, 1985.

MORTIMER, J. R. *Forty years' researches in British and Saxon burial mounds of East Yorkshire, including Romano-British discoveries, and a description of the ancient entrenchments of a section of the Yorkshire wolds*. London: A. Brown and Sons, 1905.

STEAD, I. M. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991.

Referências bibliográficas

ANTHOONS, G. *Migration and elite networks as modes of cultural exchange in Iron Age Europe: a case study of contacts between the continent and the Arras culture*. Tese (Doutorado em Arqueologia), Bangor: Bangor University, 2011.

BEALL, A.; JOSEPH, A. Buried Iron Age fighter “speared like a hedgehog” found in newly-unearthed 2,500-year-old “migrant camp” in east Yorkshire. *Daily Mail Online*, 17 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-3495506/Iron-Age-settlement-2-500-year-old-migrant-camp-Discovery-site-Yorkshire-international-significance.html>>. Acesso em: 21/01/2018.

BEVAN, B. Bounding the Landscape: Place and Identity during the Yorkshire Wolds Iron Age. In: GWILT, A.; HASELGROVE, C. *Reconstructing Iron Age societies: new approaches to the British Iron Age*. Oxford: Oxbow, 1997, p. 181–191.

COLLIS, J. R. Excavations at Owslebury, Hants: An Interim Report. *The Antiquaries Journal*, v. 48, n. 1, p. 18–31, mar. 1968.

_____. Burials with Weapons in Iron Age Britain. *Germania*, v. 51, p. 121–133, 1973.

CUNLIFFE, B. *Iron Age communities in Britain: an account of England, Scotland and Wales from the seventh century BC until the Roman conquest*. London: New York: Routledge, 2005.

DENT, J. S. A summary of the excavations carried out in Garton Slack and Wetwang Slack, 1964–80. *East Riding archaeologist: a journal of the East Riding Archaeological Society*, v. 7, p. 1–14, 1983.

_____. *Wetwang Slack: an Iron Age cemetery on the Yorkshire Wolds*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Sheffield, University of Sheffield, 1984.

_____. Three cart burials from Wetwang, Yorkshire. *Antiquity Antiquity*, v. 59, n. 226, p. 85–92, 1985.

FINNIGAN, L. Iron Age man found buried with spears sticking out of him “like a hedgehog”. *The Telegraph*, 18 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/earth/environment/archaeology/12197083/Iron-Age-man-found-buried-with-spears-sticking-out-of-him-like-a-hedgehog.html>>. Acesso em: 21/01/2018.

FITZPATRICK, A. The fire, the feast and the funeral. Late Iron Age burial rites in southern England. In: KRUTA, V.; LEMAN-DELERIVE, G. *Feux des morts, foyers des vivants*. Les rites et symboles du feu dans les tombes de l'Âge du Fer et de l'époque romaine, (actes XXVIIe coll. int. Halma-Ipel). Lille: Nord Hors, 2007, p. 123–42.

FRIEMAN, C. J. et al. Aging Well: Treherne's 'Warrior's Beauty' Two Decades Later. *European Journal of Archaeology*, v. 20, n. 01, p. 36–73, fev. 2017.

GILES, M. *A forged glamour: landscape, identity and material culture in the Iron Age*. Bollington: Windgather, 2012.

_____. Identity, Community and the Person in Later Prehistory. In: POLLARD, J. (org.). *Prehistoric Britain*. Oxford: Blackwell, 2008, p. 330–50.

_____. Making Metal and Forging Relations: Ironworking in the British Iron Age. *Oxford Journal of Archaeology*, v. 26, n. 4, p. 395–413, 2007a.

_____. Refiguring rights in the early Iron Age landscapes of East Yorkshire. In: HASELGROVE, C.; POPE, R. *The Earlier Iron Age in Britain and the Near Continent*. Oxford: Oxbow Books, 2007b, p. 103–118.

_____; GREEN, V.; PEIXOTO, P. V. S. Wide Connections: Women, Mobility and Power in Iron Age East Yorkshire. In: HALKON, P. (org.). *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age*. Proceedings of “Arras 200 - Celebrating the Iron Age”. Oxford: Oxbow, 2020 (No prelo).

GREEN, M. J. *Dying for the gods: human sacrifice in Iron Age & Roman Europe*. Stroud: Tempus, 2001.

HALKON, P. *Archaeology and environment in a changing East Yorkshire landscape: the Foulness Valley c. 800 BC to c. AD 400*. Oxford: Archaeopress, 2008.

_____. Bones of Iron Age warriors may reveal link between Yorkshire's “spear-people” and the ancient Gauls. *The Conversation*. Disponível em: <<http://theconversation.com/bones-of-iron-age-warriors-may-reveal-link-between-york>>

shires-spear-people-and-the-ancient-gauls-56458>. Acesso em: 21/01/2018.

_____. Fieldwork on early iron working sites in East Yorkshire. *Historical metallurgy*, v. 31, n. 1, p. 12–16, 1997.

_____; STARLEY, D. Iron, Landscape and Power in Iron Age East Yorkshire. *Archaeological Journal*, v. 168, n. 1, p. 133–165, 2011.

HARDING, D. W. *Death and burial in Iron Age Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

_____. *The Iron Age in Northern Britain: Britons and Romans, Natives and Settlers*. London;New York: Taylor & Francis, 2017.

HARRISON, S. *John Robert Mortimer: the life of a nineteenth century East Yorkshire archaeologist*. Pickering, England: Blackthorn Press, 2011.

HARVEY, I. “Speared like a hedgehog”: 75 Iron Age graves found in East Yorkshire. *The Vinatge News*. Disponível em: <<http://www.thevintagenews.com/2016/04/08/speared-like-a-hedgehog-75-iron-age-graves-found-in-east-yorkshire/>>. Acesso em: 21/01/2018.

INALL, Y. L. Burials of martial character in the British Iron Age. In: ERSKINE, G. J. R. et al. (orgs.). *Proceedings of the 17th Iron Age research student symposium, Edinburgh*. Edinburgh: Archaeopress, 2016. p. 45–61.

JAMES, S. Arms, the armed, and armed violence. In: HASELGROVE, C.; WELLS, P. S.; REBAY-SALISBURY, K. (orgs.). *Oxford Handbook of the European Iron Age*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

JOHNSON, C. Two Late Iron Age warrior burials discovered in Kent. *Archaeology International*, v. 6, p. 14, 2002.

KING, S. S. *What makes war?* Assessing Iron Age warfare through mortuary behaviour and osteological patterns of violence. Tese (Doutorado em Arqueologia). Bradford: University of Bradford, 2010.

KRISTOFFERSEN, S.; OESTIGAARD, T. “Death Myths”: Performing of Rituals and Variation in Corpse Treatment during the Migration Period in Norway. In: FAHLANDER, F.; OESTIGAARD, T. (orgs.). *The materiality of death: bodies, burials, beliefs*. Oxford: Archaeopress, 2008. p. 127–139.

MORTIMER, J. R. *Forty years’ researches in British and Saxon burial mounds of East Yorkshire, including Romano-British discoveries, and a description of the ancient entrenchments of a section of the Yorkshire wolds*. London: A. Brown and Sons, 1905.

NIELSEN, Poul Otto. *Danish Prehistory*: National Museum of Denmark. Copenhagen: The National Museum, 2016.

PARKER PEARSON, M. Food, Sex and Death: Cosmologies in the British Iron Age with Particular Reference to East Yorkshire. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 9, n. 1, p. 43, 1999.

PARVEEN, N. Warrior king uncovered at east Yorkshire iron age settlement. *The Guardian*, London, 17 mar. 2016. Disponível em: <http://www.theguardian.com/science/2016/mar/17/warrior-king-uncovered-yorkshire-iron-age-settlement>. Acesso em: 21/01/2018.

PEIXOTO, P. V. S. *As várias faces da morte: uma análise das diferenças sociais construídas em cemitérios do norte bretão (séc. V-I a.C.)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018a.

_____. Quando a morte vem cedo: espaço, mobiliário e performance fúnebre em enterramentos infantis da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, v. 31, n. 2, p. 210–238, 2018b.

SKOGSTRAND, L. The role of violence in the construction of prehistoric masculinities. In: MATIĆ, U.; JENSEN, B. (orgs.). *Archaeologies of gender and violence*. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books, 2017, p. 77–102.

STEAD, I. M.; JARMAN, M.; FAGG, A.; HIGGS, E. An Iron Age Hill-Fort at Grimthorpe, Yorkshire, England. *Proceedings of the Prehistoric Society*, v. 34, p. 148–190, fev. 1969.

_____. *The La Tène cultures of eastern Yorkshire*. York: Yorkshire Philosophical Society, 1965.

_____. *The Arras culture*. York: Yorkshire Philosophical Society, 1979.

_____. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991.

STOERTZ, C. *Ancient landscapes of the the Yorkshire Wolds: aerial photographic transcription and analysis*. Swindon: Royal Commission on the Historical Monuments of England, 1997.

THEUWS, F. Grave goods, ethnicity, and the rhetoric of burial rites in late antique northern Gaul. In: DERKS, T.; ROYMANS, N. *Ethnic Constructs in Antiquity: The Role of Power and Tradition*. Amsterdam: AUP, 2009, p. 283–319.

THEW, N.; WAGNER, P. The Environmental Evidence: The molluscan Evidence from Garton Station and Kirkburn. In: STEAD, I. M. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991, p. 148–151.

TREHERNE, P. The Warrior's Beauty: The Masculine Body and Self-Identity in Bronze-Age Europe. *Journal of European Archaeology*, v. 3, n. 1, p. 105–144, 1995.

WHIMSTER, Rowan. *Burial practices in Iron Age Britain*. Oxford: British Archaeological Reports, 1981. 2 v.

WILLIAMS, Mike. Growing Metaphors: The Agricultural Cycle as Metaphor in the Later Prehistoric Period of Britain and North-Western Europe. *Journal of Social Archaeology*, v. 3, n. 2, p. 223–255, jun. 2003.

Notas

¹ Todas as informações compartilhadas se deram através de comunicados pessoais em 2017, na ocasião da conferência *Arras 200 – celebrating the Iron Age* e de fotos e dados técnicos divulgados sobre o cemitério de Pocklington, que, na ocasião, continuava ainda a ser escavado.

² Este é, particularmente, o caso de dois enterramentos: um encontrado pelos Granthams em 1965 em Garton Slack, onde um indivíduo do sexo masculino de 25-35 anos foi encontrado em uma tumba de 0,55m de profundidade com uma ponta de lança de ferro enfiada na altura de seu peito (DENT, 1983, p. 11) e outro descoberto em 1865, durante a construção da malha ferroviária próxima a Garton Station, onde um esqueleto foi encontrado com sete pontas de lanças enfiadas em sua cova desde a altura do seu crânio até os quadris, interpretado na época como um enterramento anglo-saxão (MORTIMER, 1905, p. 237). Para ser o mais seguro possível, foram excluídos todos os casos como os mencionados anteriormente, em que (1) não se pôde precisar se, de fato, as pontas de lanças presentes eram apenas deposições comuns ou ainda o fruto de mortes traumáticas causadas por golpes com lança e (2) em que não foi preciso confirmar uma cronologia (ainda que estimada) para os enterramentos.

³ Em Hjortspring, foram encontradas uma embarcação que data de c. 350 a.C., 169 pontas de lanças, 11 espadas, resquícios de 80 escudos, e pedaços altamente corroídos de 10-12 cotas de malhas (NIELSEN, 2016, p. 140).

⁴ Associações possíveis de indivíduos do sexo feminino com armas são identificadas em alguns cemitérios. Um caso encontrado no cemitério de Rudston, por exemplo, cujos reminiscentes humanos foram examinados como pertencentes possivelmente a uma mulher de 25-35 anos, revelou uma inumação provida com escudo e espada (STEAD, 1991). Não obstante, algumas mulheres, como as de R3, apresentaram também sinais de traumas violentos causados por objetos cortantes. Essa parece ser a realidade de uma inumação encontrada em WS211: uma pessoa morta por um golpe de lança na altura da barriga – segundo a avaliação de Dent (1984, p.88, 176), uma mulher de 25-35, embora King (2010, p. 181, 300) tenha recentemente

reavaliado os remanescentes e optado por uma classificação mais neutra, na qual, para a autora, o sexo não pode ser determinado. Associações e manifestações materiais incomuns são registradas em tumbas de indivíduos tanto do sexo feminino quanto do masculino. Um balanço de tais casos divergentes pode ser encontrado em Peixoto (2018, p. 336-361).

⁵ Para as tipologias de enterramentos na região, em grande parte, baseadas nas propostas de Dent (1984) e Stead (1979, 1991), conferir as sistematizações recentes disponíveis em Anthoons (2011), Giles (2012) e Peixoto (2018).

⁶ O enterramento de Wetwang em questão foi ainda encontrado em uma direta proximidade com dois outros, formando um agrupamento de tumbas destacadas. A escavação das subseqüentes sepulturas acabou revelando duas outras inumações acompanhadas por carros – uma delas, de uma mulher enterrada junto a um espelho de ferro, e a outra de um esqueleto cujo sexo não pôde ser identificado, sepultado novamente com uma espada. Para o relatório da descoberta dos enterramentos com carros em Wetwang Slack, ver Dent (1985); para demais discussões sobre tal modalidade de enterramento na Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas, ver Giles (2012) e Peixoto (2018); para comparações com os casos encontrados em solo bretão e no continente, ver Anthoons (2011); e para uma visão sobre as tumbas femininas com carros e questões associadas à mobilidade feminina na Idade do Ferro, ver Giles, Green e Peixoto (2020 - no prelo).

⁷ Para a prática metalúrgica na região durante o recorte cronológico discutido, ver os trabalhos de Giles (2007a); Halkon (1997, 2008); Halkon, Starley (2011).